FILMES QUE AMO

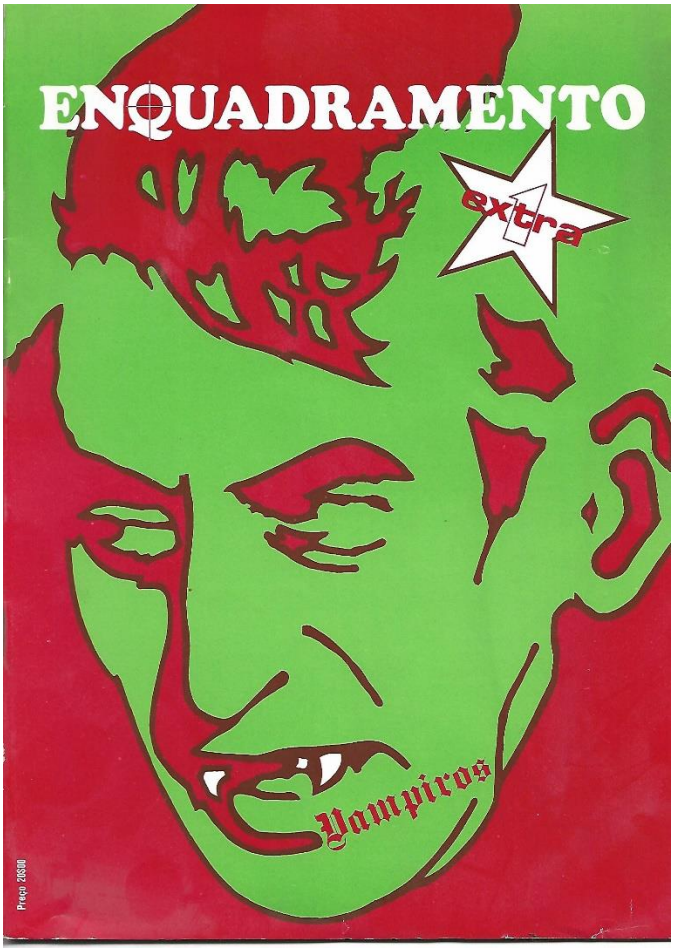
Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO, DE 2020 (Hora a definir)

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO nº 44 - (entrada livre)

O HORROR DE DRÁCULA
Título original: Dracula ou Horror of Dracula
Realização: Terence Fisher (Inglaterra, 1958)

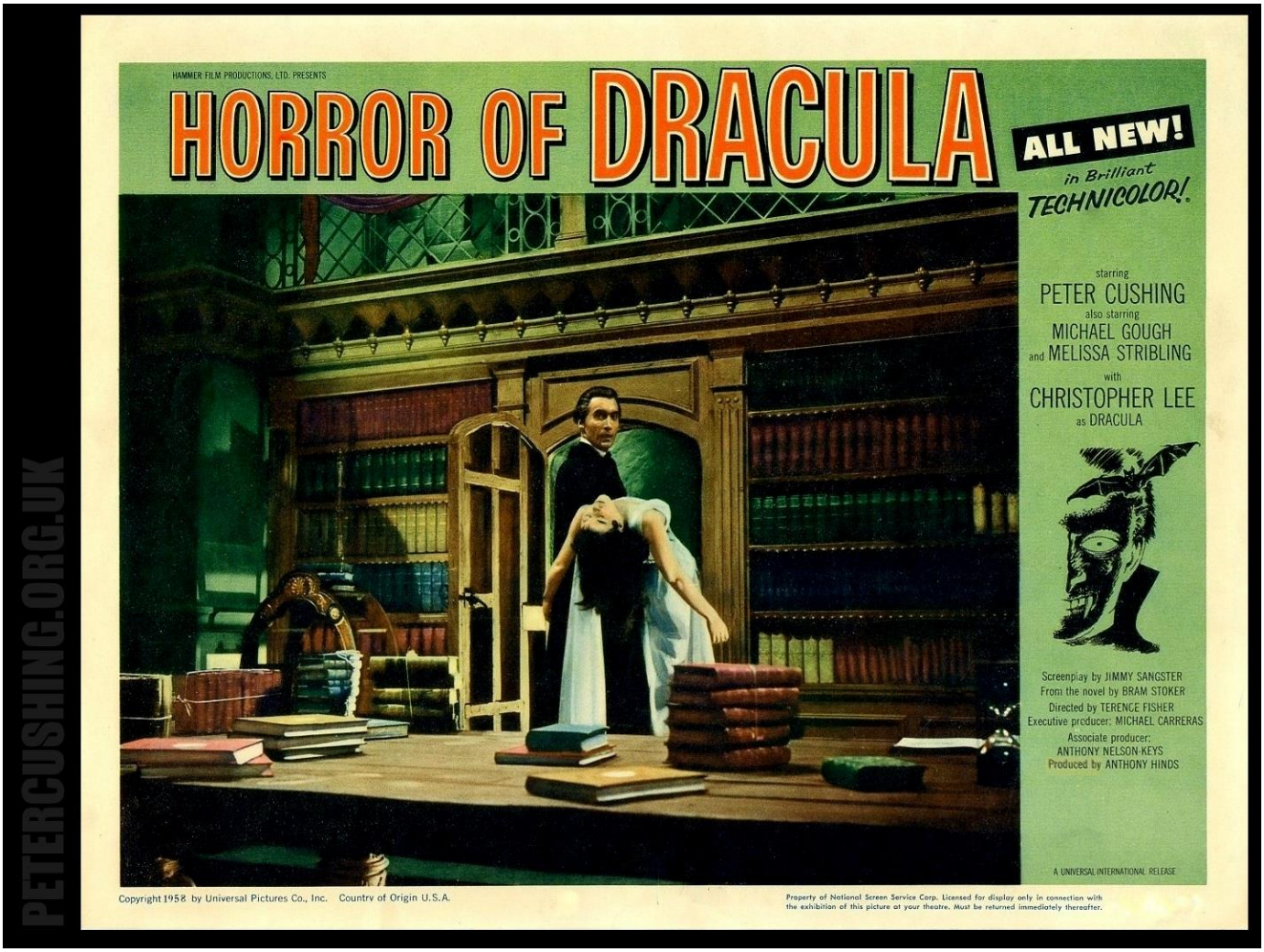
100 ANOS DE VAMPIROS, UM MITO DO SÉCULO XX



O romance de Bram Stoker, Drácula, perfaz mais de cem e vinte anos de existência neste ano de 2018. Escrito em 1897, não é a primeira obra literária onde surgem vampiros, mas é seguramente a mais conhecida e aquela que trouxe às personagens "vampirescas" o seu reconhecimento cultural. A partir desta altura passa a existir não só um dos maiores bestsellers de todos os tempos, como também uma obra de reconhecida qualidade literária e de profunda ressonância na perturbadora análise dos pesadelos mais íntimos de qualquer ser humano. Drácula, como muitos outros mitos do fantástico, é um símbolo da dualidade de comportamento de qualquer homem, tal como "O Médico e o Monstro" ou "Frankenstein".

No cinema, a existência de vampiros é ainda anterior. Data de 1896, o primeiro exemplo conhecido, devido a Méliès, o grande mago do fantástico nesses anos iniciais. No cinema, o vampiro conheceu até hoje múltiplas facetas e não pode ser encarado de ânimo leve. A sua representação é extremamente complexa, e o seu significado tem acompanhado com brilhantismo a evolução da Humanidade neste último século. Na verdade, em quase todos os períodos de crise o vampiro aparece a dar uma contribuição para a explicação profunda desses fenómenos. Assim foi na época pré-nazi, com "Nosferatu", de Murnau, que prenunciava o holocausto de forma brilhante; assim foi na América da grande Depressão, com "Drácula", de Tod Browning; assim no final dos anos 50, com o sedutor "Horror de Drácula", de Terence Fisher e da Hammer, que anunciava a libertação sexual; assim tem sido com os Dráculas dos anos 90, de Coppolla a Abel Ferrara, alertando para o contágio da SIDA.

O vampiro é o ser nocturno que existe recalcado dentro de todos nós e que uns pacificam e outros libertam em estado puro, produzindo-se assim comportamentos "normalizados" ou não. "Normalizado" quer aqui dizer integrado nas regras, nas normas do viver em sociedade. O vampiro é aquele que sistematicamente se insurge contra essa ordem estabelecida. Consoante as razões invocadas, muitas vezes provoca a revolta contra a ditadura da maioria, outras é repudiado pelo seu simbólico significado, quando surge associado à difusão da peste ou, mais recentemente, da Sida. Por vezes é um ser simpático, perseguido por ser diferente, outras vezes é um ente diabólico, que tem de ser exterminado.



Nos últimos anos, andou muita gente entre o alarmado e o entusiasmado com o fenómeno vampiresco que assola a literatura, a música, o cinema, a televisão, o teatro. São aos milhares os livros que se vendem, aos milhões os espectadores de cinema e de televisão que se perdem de amores por vampiros de aparência adolescente e banais jovens estudantes ou empregadas de café que se deixam seduzir pela fascinante mordidela no pescoço. Estamos no século XXI, dir-se-ia que o fenómeno espanta meio mundo, mas não deverá espantar o outro meio que tenha mais de 50 anos e veja cinema com frequência. O fenómeno "filme de terror" é recorrente, sobretudo quando ligado aos grandes clássicos da literatura fantástica, que é, toda ela, o que há de mais sintomático sobre a natureza humana. "Drácula", "Frankenstein", "O Médico e o Monstro", "Lobisomem", "Golem", "Múmia" e alguns mais só na aparência são monstros terríficos que nos perturbam os sonhos. São alguns dos mais lúcidos e inquietantes retratos do Homem, da sua duplicidade, da sua angústia, dos seus temores, dos seus sonhos e pesadelos. Há momentos ao longo da História em que a relativa tranquilidade da vida social nos transmite a todos nós (enfim, à grande maioria), uma sensação de segurança e de bem-estar. Nessas alturas, os monstros repousam lá no fundo do subconsciente, e só raramente sentem necessidade de vir à superfície para ganhar fôlego. Mas em períodos de instabilidade e de perigo iminente, a sociedade pressente e alarma-se e, lá do fundo das trevas, surgem os monstros de que todos nós nos alimentamos. Quando a Alemanha gerava o nacional-socialismo, e o alemão comum se preparava para votar Hitler e saudar de braço erguido o horror dos campos de concentração, o expressionismo alertava com dezenas de obras, entre as quais o admirável "Nosferatu", de Murnau, para o perigo dos monstros que os humanos trazem dentro de si.

Mais tarde, no início da década de 30, durante a grande depressão nos EUA, o rosto de Bela Lugosi e o talento de Tod Browning ressuscitaram Drácula (e todos os demais comparsas), para responder aos apelos da angústia que invadia as ruas de Nova Iorque e do mundo. Os anos 30 foram de ouro para o cinema fantástico, e a razão não foi só esses filmes serem uma forma de escapismo para o espectador. Não. O espectador desse período de crise intensa precisou dessas obras para rever no ecrã os monstros com que se cruzava na rua, no seu dia-a-dia, e que provocavam bancarrotas e bolhas financeiras de efeitos brutais para toda a sociedade.

Nos anos 50, com a guerra-fria e a ameaça nuclear, curiosamente, mas sintomaticamente, os monstros tradicionais deram o seu lugar aos extraterrestres, às guerras dos mundos. Psicanaliticamente, o efeito é idêntico, mas Drácula teve alguma trégua. Que acabou no fim da década e se prolongou pelos anos 60, quando o vampiro regressou triunfante, pela mão da Hammer e de Terence Fisher, com Christopher Lee a encarnar o mais sedutor de todos os vampiros. Adultos. Estávamos no período da libertação sexual, do make love not war, e Drácula representava uma forma de libertação. As plateias mundiais aderiram em massa a esta onda de vampiros, onde finalmente havia uma identificação sem culpa entre a dentada do vampiro e o orgasmo. Feminino. Não por acaso começam a aparecer as noivas, as gémeas e as servas de Drácula ou as condessas que assumiam o papel dominador. Trata-se da afirmação da libertação da mulher da sua condição secundária, assumindo-se de igual para igual com os homens: para vampiros, vampiras e meio.

As coisas tornaram-se mais complexas quando Coppola decidiu fazer regressar Drácula às origens, a Bram Stocker. Mas Abel Ferrara, quando roda "Os Viciosos", irmanando num mesmo olhar vampiros e vítimas do SIDA, volta a recolocar o vampirismo no plano das grandes preocupações sociais e a elaborar metáforas de profundo significado.

Espera-se agora uma interpretação aprofundada sobre o fenómeno a que se assiste, mas ele está directamente ligado à afirmação de uma adolescência que conquista um lugar no mundo e quer ter voto em todas as matérias. As dezenas de romances e de filmes e de telenovelas e de séries sobre vampirismo, com adolescentes por protagonistas e com adolescentes por consumidores têm seguramente muitas leituras. Uma delas de marketing puro: quem vai hoje ao cinema são maioritariamente os jovens, quem tem poder de compra são os jovens, quem mobiliza estudos para se perceber o que está na moda, são os jovens. Podem escrever-se livros e produzir-se filmes para os portadores de disfunção eréctil ou para os "seniores" do Inatel, mas esses não saem de casa para encher salas de cinema, nem consta que comprem muitos livros. Quem vai ao cinema e alimenta as Fnacs de todo o mundo são legiões de jovens. "O Senhor dos Anéis" e "Harry Potter" foram sintomas gritantes de que os jovens preferem a fantasia, o maravilhoso e o fantástico, ao cinzentão do quotidiano.

Mas o marketing por si só não basta. Ninguém cria a necessidade de algo que não seja apetecível. Podem criar-se necessidades, mas antes disso estudam-se as necessidades do consumidor. A vaga de jovens vampiros corresponde a uma necessidade que será interessante (e necessário) estudar. Muitos dos livros e dos filmes dessa vaga são medíocres, é certo, mas a verdade é que também há tantos livros e filmes ditos mais sérios muito medíocres. Além de que a cultura de massas é igualmente um fenómeno digno de atenção e estudo. Muito interessante será estudar estes vampiros integrados na sociedade, bem-comportados, um pouco assexuados, a que se retirou grande parte das suas características específicas. Estamos numa época em que, parcialmente, o sexo deixou de ser "pecado" e a mãe de uma adolescente pode dizer à vizinha que a filha ontem ficou com o namorado a dormir lá em casa, ao que a vizinha responde que a sua foi passar o fim de semana com o namorado num concerto ao ar livre.

Não estaremos muito longe de aparecer uma inquietante nova vaga de vampiros racistas e contrários à migração, de extravagantes cabelos e compostura invulgar. Os vampiros têm sempre acompanhado os movimentos profundos e as crises que as sociedades têm enfrentado. Continuaremos atentos.

Por isso dedicámos há uns anos um dossier a "Drácula e Demais Vampiros", num festival de cinema que então dirigíamos, o "Famafest", dedicado a "Cinema e Literatura", que ocorreu em Famalicão durante mais de uma década. Fizemo-lo com várias intenções. A primeira, terá sido mostrar que o tema é digno de um historial nobilitado. Há obras-primas no seu percurso e há vampiros que merecem tudo. A segunda, tentar demonstrar algo que está mais ou menos à vista de todos: que o tema vampiro surge em épocas de profunda crise social, económica, política, ética, e que normalmente antecipa e interage com esses períodos. A terceira, perspectivar ao nível do cinema o que tem sido esta vaga de filmes de vampiros nestes últimos dois anos, onde, ao lado de muita fancaria, já surgiu, pelo menos, uma obra-prima, "Deixa-me Entrar".

Desde sempre me interesso pelo cinema fantástico e, em 1972, numa revista que então dirigia ("Enquadramento", nº Extra, em Outubro de 1972), num número dedicado a "Vampiros", recolhi vários textos meus aparecidos ao longo dos anos.
O caso mais curioso acontecido comigo terá sucedido enquanto professor de cadeiras de História do Cinema. Como já o tentei explicar acho que a personagem vampiro tem acompanhado o evoluir da consciência colectiva das sociedades. Mas curiosamente também tem acompanhado a evolução estética do cinema. Num dos anos lectivos no IPP (Curso de Tecnologia da Comunicação Audiovisual) e também noutra altura no I@T (Universidade Moderna), tomei os filmes de vampiros ao longo da História do Cinema, como referência iniciais para abordar diferentes épocas e períodos estéticos.
Pouco depois do nascimento do cinema, Georges Méliès faz aparecer em 1896, um vampiro em "Le Manoir du Diable". Depois Dreyer deu-nos "Vampyr" e Murnau o fabuloso "Nosferatu" que nos introduz no expressionismo e nas vanguardas dos anos 20. Depois, nos anos 30, nos estúdios da Universal, Drácula e muitos dos grandes mitos do fantástico, regressam no tempo áureo do cinema e na sua época clássica. Nos anos 60, em Inglaterra, volta o gótico em força, sobretudo com Terence Fisher, com novas interpretações da mitologia, novas narrativas e novos olhares se foram acrescentando com Copola e Ferrara. Finalmente, já no século XXI, a nova geração de vampiros "bem-comportados" e de "grande público", sobretudo juvenil, marcam outras orientações.

HORROR DE DRÁCULA (1958)
Se "A Máscara de Frankenstein" inaugurou o ciclo de cinema de terror da Hammer, em 1957, "Horror de Drácula" faz reaparecer este outro mito no ano seguinte, com um filme admirável, sob a máscara inquietante de um novo actor, Christopher Lee, que restitui o fascínio de um Bela Lugosi, agora desenhado em contornos de um vigoroso erotismo que vai ao encontro da interpretação do mito do vampiro dado por Ornella Volta: uma atitude oposta (ou contrária) à proposta pela necrofilia, uma tentativa de permanecer para além da morte através de uma intensa actividade sexual post mortem. Mais interessante ainda tendo em conta a época em que o filme é estreado, dois anos antes do início dos anos 60, marcados pela libertação sexual, pelo "Make love, not war",

pela emancipação da mulher, pela luta pelos direitos humanos, etc. O novo vampiro, um sedutor erótico que faz as delícias das mulheres que ataca e que se lhe entregam ostensivamente.

O argumento de "O Horror de Drácula", extraído mais uma vez de Bram Stoker, é, desta feita, assinado por Jimmy Sangster, um argumentista que viria a notabilizar-se pela qualidade das adaptações feitas para a Hammer. Estamos de novo no século XIX, em Klausenberg, na Bavária, onde Jonathan Harker se emprega, como bibliotecário do Conde Drácula, num castelo tido por medonho pelos habitantes das redondezas. Harker quer pôr fim aos crimes do vampiro, mas acaba por sucumbir a um dos ataques do Conde. Será um amigo de Harker, o doutor Van Helsing, quem retomará as investigações, começando por descobrir que Lucy, noiva de Harker, fora também vampirizada. Este facto traz até ao castelo dois novos personagens, Arthur Holmwood, o irmão de Lucy, e a namorada, Mina, reforços úteis à tarefa de Van Helsing.
Para libertar Lucy da condenação eterna, Van Helsing espeta-lhe uma estaca no peito. No entanto, o conde contra-ataca e rapta Mina, com quem pretende fugir pelos subterrâneos do castelo. Conhecedor profundo do vampirismo, Van Helsing sabe os antídotos possíveis para este estado de coisas e, no meio da obscuridade em que Drácula vive, abre uma janela que deixa a luz penetrar nas trevas e destruir a figura do Conde. Com a morte de Drácula, Mina regressa à normalidade, desaparecendo nela todos os vestígios de um convívio mais íntimo com vampiro.
Nesta obra deve sublinhar-se sobretudo a qualidade dos décors, a beleza plástica dos enquadramentos, o jogo simbólico das múltiplas referências que Terence Fisher espalha ao longo da sua hora e meia. Os dois actores principais, que transitaram de Frankenstein, constroem personagens notáveis, quer o já referido Christopher Lee, no Conde Drácula, quer Peter Cushing, na figura de Van Helsing. Será de referir ainda a participação de Michael Gough, outro actor excelente. Christopher Lee serve-se maravilhosamente do seu físico imponente para, envolto numa capa negra que esconde mistérios e ameaças, nos surgir, pela primeira vez, no cimo de uma escadaria e mostrar desde logo quem comanda o jogo. A vítima caiu na teia que lhe foi montada.
O arranque da obra é notável de eficácia e economia de meios. As imagens sugerem e o vermelho do sangue estende-se pelo ecrã conferindo-lhe negros presságios. O sangue é a morte, mas igualmente a cor da sensualidade que perpassa pelo filme de princípio ao fim. Terence Fisher transporta-nos habilmente para o universo de Bram Stoker, sem que esta seja a mais fidedigna das adaptações. Mas, introduzindo algumas modificações quanto à obra literária donde parte, os responsáveis conseguem manter-se fiéis ao espírito.
O colorido é outro dos aspectos a sublinhar, jogando com cores fortes que dominam outras matizadas. Quando Lucy ou Mina são sugadas, os vestidos, as camisas de dormir, são claras ou brancas, identificado uma pureza que não tardará irá ser maculada. É o vermelho do sangue que se insinua, pressagiando o contágio, antecipando a terrível condição de morto-vivo.
A atmosfera de um gótico fantástico é admiravelmente conseguida, quer através do tratamento dos cenários e do guarda-roupa, como pela própria interpretação dos actores e sobretudo pela realização que, paradoxalmente, se mostra de um rigor clássico sem mácula.
Dois anos depois (1960), Terence Fisher regressa ao mito, dirigindo "As Noivas de Drácula", agora com um inexperiente David Peel na figura de vampiro, o barão Meinster. Peter Cushing, porém, mantém-se fiel à composição do célebre doutor Van Helsing, que prossegue a sua tenaz luta contra o vampirismo.
A história, nascida da colaboração de Jimmy Sangster, Peter Bryan e Edward Percy, foge um pouco ao esquema de Bram Stoker, ainda que mantenha figuras e situações. No castelo dos barões de Meinster, a baronesa mantém prisioneiro o filho. Mas uma professora a caminho da sua terra (Marianne Danielle) é obrigada a parar e passa a noite no castelo, descobrindo o prisioneiro e libertando-o. Os crimes começam desde logo, sendo a primeira vítima a própria baronesa. Marianne, em pânico, foge e é encontrada pelo Doutor Van Helsing, que a interna numa Academia de Raparigas, enquanto ele sai em perseguição do conde. Mas este consegue chegar até Marianne, propor-lhe casamento, e raptá-la. O filme aproxima-se do fim, quando Van Helsing consegue fechar Meinster num velho moinho, mantendo com ele uma luta, onde a água benta desempenha papel preponderante, bem como as sombras em forma de cruz das velas do moinho abandonado. Reduzido a pó, o barão de Meinter deixa de exercer a sua influência maligna sobre Marianne Danielle, que recobra a vida. Decididamente menos logrado, num plano estético e cinematográfico, "As Noivas de Drácula" mantem, todavia, uma visão psicanalítica e social do vampirismo, que se mostra extremamente interessante e sugestiva. A falta de Christopher Lee no protagonista é, contudo, manifesta.
Fisher voltaria a encontrar-se com a lendária figura do conde Drácula em 1964, com "Dracula, Prince of Darkness". Como protagonista, de novo Christopher Lee. Filme que nunca estrearia em Portugal. Questões de censura, obviamente. A Hammer só regressaria ao mito, quatro anos depois, com "Dracula Has Risen from the Grave", filme não muito satisfatório de um realizador nem sempre inspirado, Freddie Francis. Com um argumento inteligente e pitoresco de John lder, baseado

(vagamente) no romance de Bram Stoker, "O Sinal de Drácula" não aproveitou condignamente as potencialidades da base literária donde parte.

O HORROR DE DRÁCULA

Título original: Dracula ou Horror of Dracula

Realização: Terence Fisher (Inglaterra, 1958); Argumento: Jimmy Sangster segundo o romance de Bram Stoker; Produção: Michael Carreras, Anthony Hinds, Anthony Nelson Keys; Música: James Bernard; Fotografia (cor): Jack Asher; Montagem: Bill Lenny; Design de produção: Bernard Robinson; Direcção artística: Bernard Robinson; Guarda-roupa: Molly Arbuthnot; Maquilhagem: Philip Leakey, Henry Montsash; Direcção de Produção: Don Weeks; Assistentes de realização: Robert Lynn, Tom Walls; Departamento de arte: Arthur Banks, Charles Davis, Mick Lyons; Som: Jock May, Claude Hitchcock; Efeitos especiais: Sydney Pearson, Les Bowie; Companhia de produção: Hammer Film Productions;

Intérpretes: Peter Cushing (Dr. Van Helsing), Christopher Lee (Dracula/Donde Drácula), Michael Gough (Arthur), Melissa Stribling (Mina Holmwood), Carol Marsh (Lucy Holmwood), Olga Dickie (Gerda), John Van Essen (Jonathan), Valerie Gaunt (noiva do vampiro), Olga Dickie (Gerda), John Van Eyssen (Jonathan Harker), Janina Faye (Tania), Barbara Archer (Inga), Charles Lloyd Pack, George Merritt, George Woodbridge, George Benson, Miles Malleson, Geoffrey Bayldon, Paul Cole, etc. Duração: 82 minutos; Distribuição em Portugal: Warner Home Video; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal:

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL| SEGUNDA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO, DE 2020

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO nº 45 (entrada livre**)** (Hora a definir**)**

A JANELA INDISCRETA
Título original: Rear Window
Realização: Alfred Hitchcock (EUA, 1954) | **Duração:** 112 minutos | **M/12**